



ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

O UIVO DO LOBO

CONTOS E POEMAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-60981-3
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

CONTATO, POR ANTONIO MONTIBELLER, PÁG. 05
FLORESTA PERPÉTUA, POR BRUNO AVLIS, PÁG. 09
OS 7 LOBOS, POR CINTIA CEARAH, PÁG. 14
VOCÊ, POR FLÁVIO SANTOS COSTA, PÁG. 19
TALVEZ, POR FLÁVIO SANTOS COSTA, PÁG. 22
QUANDO A FLORESTA FICA SILENCIOSA, POR ATHENA, PÁG. 24
VAMPIRO, POR MÁRCIO ARAGÃO, PÁG. 27
MANDÍBULAS, POR MÁRCIO ARAGÃO, PÁG. 31
A VILA E A LOBA, POR MAURO M. MASSUDA, PÁG. 36
ÁUUUUU, POR MEIRE MARION, PÁG. 42
KEI KEI SABE AVISAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 44
ANIMAL SOCIAL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 46
ANA É ASSIM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 48
POESIA PARA A LUA, POR VICKY F. MORAVIA, PÁG. 50
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 52

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



O UIVO DO LOBO



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Contato

Por Antonio Montibeller

Antonio Montibeller é Pós-graduado em Engenharia da Produção pelo Grupo Uniasselvi - Centro Universitário Leonardo da Vinci - SC. Natural de Brusque-SC, atua como analista de custos e instrutor de desenho técnico mecânico. Em paralelo por vocação é artista visual, pintor, escultor e escritor autodidata. Realizou várias exposições individuais e coletivas. Recebeu prêmio por trajetória cultural Aldir Blanc SC 2020. Criou este poema com base no trabalho de sua esposa.

Um uivo
Um rugido
Um latido destemido
Sempre que for preciso
Nos mantém protegidos

Por anos
Por séculos
Sempre foi seu aviso
Mas poucos lhe entendem
Não sabem o que foi dito

Sem palavras
Sem remorsos
Sem amarras
Roendo ossos

Peço licença meu amigo
Nesta jornada vou contigo
Vou adentro no seu abrigo
No inconsciente ferido

Eu te vejo
Eu te sinto
Respire fundo
Mostre a saída desse labirinto

Numa casa no campo singela
Bebendo chá de cravo e canela
Você me mostra pela janela
Vejo a linda paisagem mais bela
E diz que tem saudades de brincar com ela

Saudades de passear feliz pela passarela

Vejo você correndo pelas flores

Vejo o sol iluminando todas as cores

Vejo a terra tirando suas dores

Na serenidade do seu olhar

Eu sei o que quer me contar

Chego nesse aconchego acariciar

Cubro com carinho seu plexo solar

Os mistérios juntos vamos decifrar

Om mani padme hum

Om mani padme hum

Om mani padme hum

O céu brilha verde esmeralda

A sua aura ilumina cor dourada

Logo uma surpresa é revelada

A sua ancestral foi libertada

Me sinto em paz

Me sinto amada

Sua história será contada

Sem palavras

Sem remorsos

Sem amarras

Roendo ossos

Vocês não erram

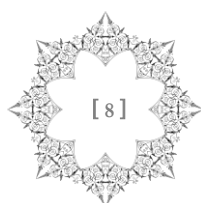
Vocês me alegram

Vocês me levam e me elevam

Para outra dimensão

Sempre serei grata

De coração.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Floresta Perpétua

Por Bruno Avlis

Nascido e criado em Arapiraca/AL, nordestino com orgulho. Autor de duas obras ficcionais publicadas no Wattpad. Sempre adorou contar histórias. Com a literatura, descobriu sua vida.

Quando eu e meu irmão fomos largados naquele lugar, sob um infame aviso vomitado por dois lixos humanos, acordei para o abismo em que havia me metido.

– Vocês precisam atravessar essa floresta antes do amanhecer. Só assim serão libertados – disse o imbecil, que acabara de nos desamarrar, enquanto o idiota do motorista sorria com desdém. – Mais uma coisa, o coronel mandou você olhar se a esposa dele tá lá do outro lado.

O carro saiu acelerado e a escuridão tomou posse de todo o lugar.

Meu irmão e eu olhávamos ao redor e sempre terminávamos nos encarando. Seus olhos gritavam de medo, mas ele não ameaçava dizer uma única palavra. Naquele momento, não tinha outra coisa a fazer, exceto, vestir a carapuça de irmão mais velho e guiar-nos até o outro lado daquele que viria a ser o nosso purgatório.

Desferi os primeiros passos naquela gosma pastosa e úmida. Segui de forma cautelosa, pois qualquer consequência advinda de minha ação, viria com o mínimo de dor. Inocente! Assim que comecei a adentrar no que parecia ser uma primeira camada de mata densa, minha tese: mais prudência, menos dor, foi por água abaixo. O urro que soltei após um passo extremamente calculado poderia ser ouvido na estação espacial. Meu irmão pouco pôde fazer para me ajudar. O pânico fugiu de seus olhos, dando lugar para a preocupação. No chão, com as mãos apalpando os pés, pude sentir um punhado de espinhos fincados em minha pele. A dor era agonizante. No entanto, precisava acalmar aquele que era minha única família. Falei que não havia sido mordido e nem picado, eram apenas espinhos. A dor de tira-los, pensei, com certeza não seria pior. Inocente? Não. Imbecil! Cada espinho arrancado era uma lagrima que escorria. Imaginei aqueles dois amontoados de estrume escultando o início do meu fim, e rindo, sem um pinga de remorso. Redobrei o cuidado e segui abrindo caminho até ultrapassar aquela grande algazarra de galhos afiados. Meu irmão seguiu as pegadas deixadas sobre o solo lamacento e fétido. Estávamos dentro.

Os cortes causados no primeiro contato começavam a arder. Foi inevitável não ver a luz no fim do túnel – literalmente. Aquela vasta escuridão, com toda a sua infinitude, era bastante intimidante. Embora o medo fosse presente, ao sentir o calor e o toque de meu irmão em minha perna, me lembrei do porquê ainda estava de pé.

O fato de não saber quanto tempo ainda restava fazia minha mente entrar em conflito com meu coração. O vazio era desesperador. O vento uivava sem parar, as árvores chacoalhavam abruptamente, pareciam odiar a melodia. Às vezes eu não conseguia controlar meu corpo, que, coberto por uma calça fina e uma camisa despedaçada, estava exposto, sofrendo com o toque gelado da brisa noturna. Já meu irmão, aparentava – estranhamente – estar habituado com aquele ambiente.

Meus olhos estavam se acostumando com a noite, algumas sombras e silhuetas começaram a ficar mais lucidas. As árvores lembravam arranha-céus. Fechei os olhos e busquei na memória lembranças das viagens que fiz à grandes metrópoles. Mas meu tempo de cárcere sob o domínio daqueles seres de merda era tanto, que minha busca fora em vão. Enquanto caminhávamos sentido ao intimo daquele lugar, ficava mais fácil avistar a claridade da lua e o brilho inconfundível das estrelas. A cada rajada de vento o topo das árvores balançavam, fazendo com que o brilho noturno invadisse o local por alguns segundos, causando uma espécie de show psicodélico tão lindo quanto aterrorizante. Meu irmão avançava escaneando o entorno, suas orelhas mexiam a cada ruído produzido no mato, como se estivessem sincronizando em alguma estação de rádio. Os barulhos vinham de todos os lados. Estávamos vulneráveis. Dava para sentir o olhar sanguinário dos predadores. Continuamos andando sobre o lamaçal com cheiro de morte. A umidade nas cascas das árvores nos deixava ainda mais em estado crítico, era impossível apoiar as mãos. Nossa única bússola era o recado deixado pelo capitão Esterco e o soldado Dejeito. Tínhamos que seguir em frente.

Um pouco mais adiante, meu irmão acelerou os passos e me ultrapassou. Tentei acompanhá-lo, mas perdi a corrida. Ele parou em um ponto mais à frente e olhou para trás, me chamando com o olhar. O ar estava totalmente improprio, dez mil vezes pior do que toda aquela lama podre. O bicho estava irreconhecível. Enquanto admirávamos aquela carcaça – uma cena de assassinato profissional – ouvimos um barulho assombroso na mata atrás de nós. Se meu coração não estivesse bem preso, ele estaria no chão, ao meu lado. O que nos espreitava conhecia bem o terreno, aquilo se movia com rapidez, fazendo-se ouvir algumas vezes em dois lugares ao mesmo tempo.

Nos acalmávamos quando uma rajada violenta cortou o ambiente, balançando todas as árvores que nosso olhar podia cobrir, fazendo com que o brilho do nosso satélite natural refletisse nos olhos daquela coisa. Tenho certeza, não havia retina e sim labaredas.

Escutamos os passos se aproximando enquanto aqueles olhos sumiam e apareciam conforme o vento gélido soprava. O estalo indicou; era nossa hora de sair de cena. Fugimos em disparada rumo ao escuro mais profundo que já tinha visto. Meu irmão não estava para brincadeira, me deixou bem para trás. Corremos por uma quantidade de tempo e espaço imensurável, pelo menos por mim. Lembro-me de pensar o que seria pior; ser a presa daquela besta ou, em minha corrida pela sobrevivência, topar em algo pior do que aquele maldito tronco recheado de espinhos. Meus pés responderam por mim.

Meu irmão mal se encontrava em minha vista quando clamei por sua atenção. Tive medo. Ele poderia facilmente correr mais rápido que o som da minha voz. Na segunda chamada seu corpo freou, ou tentou; afinal, o solo imundo, que poderia ser naturalmente confundido com as calçadas do inferno, era nosso adversário. Recuperávamos o ar, quando de relance, notei um brilho no final daquele imenso vazio. Não é possível, pensava eu, que aquele demônio conseguira nos acompanhar. Naquele momento desejei minha morte. De preferência, sendo o primeiro. Direcionei meus olhos e toda minha atenção para o brilho da eternidade – foi como nomeei. No entanto, não haviam labaredas flamejantes, apenas um lindo ponto de luz. Chamei meu irmão e o comuniquei. Com o coração disparado, língua pendurada caindo para fora da boca, ofegante, ele mal prestara atenção para o meu grande achado. Aguardei o pobre inocente recuperar o folego e partimos rumo ao que, naquele momento, considerei ser a nossa bendita liberdade.

A cada passo, a luz ficava maior. Tinha um tom fosco e amarelado. Senti uma espécie de déjà-vu.

Amaldiçoadas sejam aquelas lanternas. Embora fossem duas, não havia motivo para comemorar. Nós a conhecíamos perfeitamente. Preciado, seu idiota! Eu deveria ter percebido antes.

Meu irmão me antecipou. Lançou seu corpo em cima da fina barreira composta por alguns arbustos chegando de surpresa na estrada de barro que contornava a floresta. Dois disparos cortaram os ruídos dos grilos e todo tipo de besouro que vivia por ali. Nos poucos segundos de silêncio entre um disparo e outro, escutei um latido gutural. Corri desesperado, cruzando a porta que meu irmão havia aberto. Me lembro da areia fria tocando meus pés, depois disso eu apaguei.

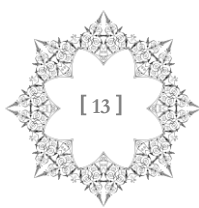
Despertei com uma ardência torturante por todo o corpo. Meus olhos brigavam para abrir, cada tentativa era equivalente a um soco na cara. Aos poucos fui me acostumando.

Senti um peso diferente sobre meus pulsos e meus tornozelos. Os anéis que me prendiam eram densos e estavam cobertos por ferrugem.

Agora, com os olhos abertos, pude me situar. Que merda! Uma cela a céu aberto no meio de um pátio. Outro déjà-vu.

– Bom dia, bela adormecida. Esqueci de te avisar – disse o lixo hospitalar, que se denominava coronel –, os dois precisavam sair vivos, e pelo jeito, esse aí tá bem mortinho.

No canto daquela cela minúscula, havia restos de alguma coisa. Me espantei por não ter sentido o cheiro. Aquele momento decretava o fim da minha humanidade. A carcaça que estava ao meu lado era a de meu irmão; meu pequeno e peludo irmão. Desde então, fui mandado para aquele lugar mais vezes do que minha mente me permite contar. Todas terminaram com um latido no final.



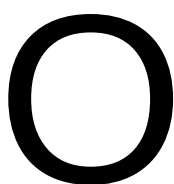


A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Os 7 Lobos

Por Cintia Cearah

Tradutora, escritora, pintora. Estudei Ilustração em Nova Iorque, na Parsons School of Design, excelente escola. Depois, me dediquei a aprender idiomas, e hoje faço traduções dos idiomas inglês, português e espanhol. Leio e escrevo muito, além de ser tradutora em tempo integral. Vivo com sete gatos, então, já deu um pouco para conhecer a fibra dos bichos, como menciono na minha crônica para esta coletânea. Tenho também uma coleção de contos disponível na Amazon chamada "Para quem canta João-de-barro? Para as índias" (argumentos em prol da defesa dos grupos nativos do Brasil) de Cintia Cara.



lobo uiva para a lua, porque nota, a cada noite, como ela se transforma.

– É você mesma? – grita o lobo, e o eco vai pulando até ela: ...você mesma.... ...você mesma...

Mas um dia, esse lobo começou a desaparecer com a lua, desesperado, batia as patas no chão, tentando ficar atrelado à uma pedra. Queria fugir, achou que tinha chegado tão perto da lua como nenhum outro lobo. Ah não!, a lua o engolia. Esse lobo tinha sido mal entendido e quebrava uma tradição de várias gerações de lobos orgulhosos que sempre reconheciam o ponto alto da lua, o ponto máximo quando parecia que ela já ia estourar como um balão e as precauções que deveriam tomar, se fosse o caso. A lua voltaria todos os outros dias para mostrar o balão esvaziando até ficar vazio, e aí o lobo ia dormir desanimado e passava dias dormindo.

Os lobos são parecidos com os ursos, eles também hibernam dormindo dias, por isso, ninguém sabe o que os lobos pensam, e com o tempo, os lobos até conquistaram uma tribo para eles, uma tribo de humanos, e tendo um humanoide juntado-se ao outro, criou-se o lobisomem, mas os lobisomens não uivam tão bem quanto os lobos, os lobos acham que falta pureza por parte dos lobisomens.

Os lobos se importam demais com a lua. Sobem no alto do monte, e muitas, muitas vezes tentam pular em direção à lua, por isso, não devem e não ficam muito próximo da beirada do penhasco, pois sabem que uivar para a lua é simplesmente o mínimo que dá vontade de fazer quando veem o caminho tão claro e brilhante ao subir a montanha. Latem, mas o uivo só vai sair quando chegarem lá em cima — mas a alegria do caminho iluminado faz os lobos tremendamente felizes, não se sentem mais sós na escuridão. No topo, jogam a cabeça para trás e observam o grande clarão acima deles.

Sim, conhecem as nuvens, mas as nuvens são semelhantes aos lobos, vão de um lado para o outro, ninguém segura, mas a mamãe-lua fica ali parada, ilumina estrelas, nuvens e animais, o lobo vê a luz, a luz que os homens tanto almejam trazer para si, para dentro de suas casas, mas ela não aceita esse compromisso. Não veio para iluminar uma casa ou uma família, a sua luz não pode ser contida, e isso alegra aos lobos que se sentem perdidos entre cães e lobisomens, e gostariam de ser admirados também pelo que

são, não como lobisomens maus, nem cães domados, algo diferente de tudo isso, um animal selvagem.

Seriam os lobisomens mais uma tentativa dos homens amestrarem os lobos?

Mas enquanto os lobos sobem correndo o caminho iluminado, sentem que estão sendo vistos e podem ver, e não querem nada com o falso lobo-homem, nem ser dominados por eles como cães.

Teve um dia que foi mais especial, foi quando apareceu o cometa lá no céu, e toda a matilha viu e correu junta para o alto da montanha. Driblavam as árvores velozmente, saltavam e corriam, quase se diria que riam, mas animais não riem, homens sim riem, até ficarem bobos, animais, não. Ainda assim, os animais podem admirar a natureza, que nunca causou riso, mesmo que ela esteja sempre se manifestando. Quando os lobos grunhem, ao invés disso, será que estão tentando com muita força sorrir?

Entrementes, o alvo das atenções dos lobos continua sendo a lua, não haveria chapeuzinho vermelho que lhe desviasse de seus caminhos. O caminho é a luz, e só aquela que não foi aprisionada pelos homens. Pois das casas onde os homens aprisionaram a luz, lá é que eles levaram os animais que pegaram e é onde passaram a estraçalhá-los e destrinchá-los em pedaços jorrando sangue para todos os lados, assim é o animal-homem, não o lobo.

Mas naquele dia em especial, não pensavam em homens nem um pouquinho, pensavam no Cometa, o que era aquilo? Uma lasca da nossa lua? Parecia preocupante o fato de ter saído uma lasca da lua, ela voltaria a brilhar tanto quanto antes? E não faria falta aquela lasca?

A lasca que se destacou era tão intensamente branca que só poderia ter vindo da lua, ou do mesmo lugar que a lua veio. O lobo alfa levantou a patinha tentando parar o cometa, o lobo beta achou que tinha realmente tocado o rabo do cometa e levou a patinha até a boca, experimentava um gosto de cometa que entrava voando para a sua boca e voava para os seus ouvidos, e ele sentiu que era gosto de estrela que dava voltas e voltas, agora o lobo beta saltava e sentia que os seus saltos iam mais longe, sempre lembrava, sempre pensava que ele era como o cometa, uma luz saltando aos olhos dos humanos, ignorando os humanos, ultrapassando os humanos pois o lobo beta era como a luz, e não ligava se os homens admirassem à luz (ou ao lobo beta), pois o homem nunca vai alcançá-

los. Ele ficou sendo o lobo beta luz, com 2 'Bs', 2 'Ls' e 1 'T'. Lobobetaluz. O lobo betaluz, ficou menos conhecido que o lobo alfa.

O lobo gama tinha chegado tarde, mas já conhecia a estrela cadente, e perguntou latindo:

– Um cometa não era igual a uma estrela cadente?

O gama não conseguia imaginar, como poderia ter algo mais bonito que uma estrela cadente?

O cometa era mais como milhões de estrelas cadentes pulando todas juntas em um mergulho sincronizado na direção da terra.

O lobo delta chegava meio desesperado, achava que tudo tava caindo do céu aquele dia... gritava:

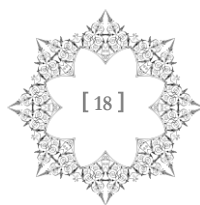
– O que vamos pegar? O que vamos pegar?

E ficava pulando, achando que logo também ia conseguir pegar alguma coisa, sabia que o beta já tinha lascado a Lua, e ele se perguntava o que ele poderia fazer. Foi quando viram os fogos de artifício coloridos, e parecia que tavam pintando o céu, nos olhos uns dos outros viam cores pela primeira vez, cores que pipocavam e se transformavam em muitas outras cores, pipocas coloridas estourando no céu. Eles pulavam olhando uns para os outros, os olhos brilhando tingidos, a paz das estrelas também pulava do céu, logo atrás dos fogos de artifício. A emoção aquele dia fazia os corações dos lobos baterem mais fortes, não eram as silenciosas estrelas que lhes chamavam hoje piscando, eram fogos e logo chegavam mais 3 lobos, Épsilon, Zeta e Eta que viam os fogos coloridos caindo sobre os irmãos na frente, queriam uivar mas os fogos faziam mais barulho do que eles, era noite de Ano Novo de 2023, até os lobos sentiam isso em seus pelos, logo a via láctea ia cobrir a noite toda como um véu de noiva mais comprido e um novo ano poderia nascer, deixando muita coisa mal resolvida para trás, e nada voltaria. Começaram a uivar, nada volta, a lua ilumina o caminho, mas ela não repete o seu movimento, é sempre uma volta nova.

Um homem tinha ouvido da boca do outro homem que eles dominavam o reino animal, que o reino humano estava acima do reino animal, mas o homem nunca se dominou e explorou o reino animal até não poder mais, procurando comer todos os dias a

carne de algum tipo de animal diferente e criando animais só para abatê-los em tristes condições industriais.

Os lobos que no ano novo fizeram uma fila horizontal diante da lua, uivaram para isso, pela libertação da mentalidade usurpadora do homem — que usurpa os animais da natureza. Naquela noite linda e clara, 7 lobos uivavam pela libertação dos animais, pela luz que ilumina a todos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Você

Por Flávio Santos Costa

Flávio Santos Costa nasceu e foi criado no litoral norte baiano, Conde em 2002. É graduando em Pedagogia pelo Centro de Formação de Professores - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB). Desde cedo é curioso, criativo e leitor, aprecia as palavras como se fossem desenhos e possibilidades de voar ainda mais alto. Vê a leitura e os livros como uma fórmula de escape, para poder fugir de situações que venham te machucar ou entristecer, e essas situações se transformam em poemas e contos.

Não quis você de início porque pensei que não tinha nada haver comigo, mas você se mostrou disposto a me ajudar em tudo que precisasse, daí lembro que lhe neguei o mínimo. Você nunca me deixou claro que me queria por completo, ou pela metade, ou só um pedaço, não adiantava entrar todos os dias, me ver, me olhar, fazer sinais e nunca me dizer cara a cara o que sentia por mim.

As vezes sinto que você utiliza da sua inteligência para chamar atenção, a minha talvez, ou não. Mas sei que você é mais que isso, se nunca te disseram, te acho inteligente, bonito, apesar de suas atitudes te deixarem feio, e tem pessoas que concordam muito com isso. Que poderia combinar comigo, ou não, poderia se caso existisse algo entre a gente, um irreal, posso chamar assim?

Sinto que estamos nos afastando (Estivemos juntos em algum momento?), já que você tem alguém, mas também sinto que você ainda goste de mim (Será?), todas as vezes que estamos juntos (Quando?), você faz coisas que diz se arrepender depois (Se arrepende mesmo?), que fazem com que você se segure e não termine por completo o que quis fazer comigo naquela sala escura (Qual sala? Existe uma?), sem ninguém, talvez você não se lembre. Na verdade você lembra muito bem (De tudo!).

Tento não conversar contigo, pois todas as vezes saio triste, me sinto humilhado, me sinto só, apesar de você me dizer que eu te tenho, mesmo que seja distante. Não te quero pela metade, te quero por completo, mas tenho medo (Muito, por sinal).

Por que sempre sou eu que tenho que ceder e ficar só?

A responsabilidade é apenas minha por gostar de você?

Onde você fica nisso tudo?

Poderia estar mentindo quando digo que gosto de você, mas tenho medo de não suprir as suas expectativas, já que você mesmo disse que não quer nada comigo, mesmo que tenha sentimentos. Não estou pedindo que seja meu, mas digo que sou seu por completo todas as vezes possíveis, tento demonstrar de todas as formas que estou bem sem estar, tento dizer que quero algo concreto e mesmo assim você me priva de tentar ter o mínimo de felicidade.

Você é injusto, bruto, insensível, idiota, me sinto mal todas as vezes que me vejo na sua sombra, enquanto você pode estar com outra pessoa, com quem você mente, dizendo que gosta e se refere como verdade todas as vezes que vem me dizer que gosta de mim

por mensagem. Maduro o suficiente para me tratar bem na frente de todos e hipócrita ao não fazer comigo, o que sempre me diz querer fazer.

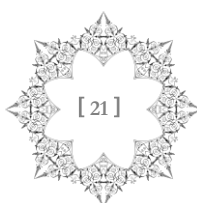
Você tenta jogar tudo pra cima de mim, ao dizer que tivemos a chance de ser só eu e você, passando quando pode na minha cara que eu desperdicei uma chance que quero agora, quando você não pode, pois reforça a todo instante que tem alguém e não quer magoá-la. E quanto a mim?

Penso todas vezes se lhe desejo por não poder te ter, mas aí lembro que me sinto outro com você, coisa que não vejo de você, será se o que me diz é real?

Me vejo a todo instante lendo as nossas mensagens e esperando notícias suas, mas você não dá importância para o que tem comigo (Mas, o que você tem comigo?). Na verdade não temos nada, nunca tivemos, deve ser por esse motivo que eu sou tratado como um lixo e como algo descartável. Tento te esquecer, mas infelizmente não é possível.

Parece que nunca tenho a sorte de ser feliz, e acredito que a felicidade é momentânea, talvez esses poucos momentos tenham ficado na minha infância. Você me deu esperanças de que podíamos ter um futuro, mas depois de segundos, você volta atrás e começa a me cortar da sua relação. Ao mesmo tempo que gosto de você, você me machuca por dentro e por fora. O que seria lindo em minha cabeça, acaba sendo um pesadelo que tenho que conviver, talvez, pro resto da minha vida (Ou não).

Seria errado dizer que minha felicidade, caso eu tenha mesmo, depende de alguém, quando tenho a mim mesmo, mas, na verdade, não me vejo sem você (Será?), mesmo que eu nunca te tenha, sendo assim, que eu mesmo ponha um ponto final nisso tudo, em mim (No nós que nunca existiu).





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Talvez

Por Flávio Santos Costa

Flávio Santos Costa nasceu e foi criado no litoral norte baiano, Conde em 2002. É graduando em Pedagogia pelo Centro de Formação de Professores - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB). Desde cedo é curioso, criativo e leitor, aprecia as palavras como se fossem desenhos e possibilidades de voar ainda mais alto. Vê a leitura e os livros como uma fórmula de escape, para poder fugir de situações que venham te machucar ou entristecer, e essas situações se transformam em poemas e contos.

Talvez você se lembre, talvez não
Mas para nós nunca será fácil de esquecer
O que houve, o que teve, o que tínhamos
O que sonhei, o que sonhamos
Sempre vai existir um nós...
...Mesmo que seja distante

Talvez só eu tenha vivido, talvez só eu tenha pensado
Talvez eu, apenas eu
Sempre dizem que na maioria das relações só uma pessoa vive pras duas, e talvez essa
tenha sido eu, só eu

Talvez pensei que gostasse, talvez pensei que me amasse
Talvez pensei...
...Apenas pensei, só pensei

Sempre lembro o que não tivemos, com aquela pesada impaciência de quando teremos e
se teremos, e lembro que não
Lembro que você não existe, que não insiste e que não resiste

**Talvez só eu imaginei um nós
Quando na verdade só existia um eu.**

Me dói pensar que tudo que pensei existir foi por água abaixo
De imaginar coisas que não aconteceram
colocar idéias profundas que não condiz com nenhuma realidade.

Talvez o conceito de real para mim seja o oposto que o seu
Me vejo conversando com você
Mas afinal, onde está você?

Em um lugar onde só a minha imaginação pode alcançar e
só eu posso afirmar o que é real.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Quando a Floresta Fica Silenciosa

Por Athena

Athena nasceu em 5 de janeiro de 1999, em Porto Alegre, e atualmente é estudante de letras-inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: @attathena no instagram.

A meia-noite com uma lua cheia no pico do céu transforma esse lugar em uma vila abandonada, fantasmagórica. Daqui, onde estou, devido à altura considerável, posso ver toda a vila. A maioria das casas é simples, feitas de madeira, irregulares, umas maiores que as outras, de formatos estranhos, como peças de um jogo que foram forçadas a se encaixarem. Poucas são de pedra e nessas moram os mais ricos. As ruas são estreitas e pouco iluminadas, mas havia uma avenida larga, que cortava a vila ao meio, e no centro dela havia a praça, com um chafariz seco e sujo, cercada pela igreja, pela prefeitura e por alguns pequenos mercados.

E é da prefeitura que sai a única alma humana capaz de provar que alguém vivia naquela vila.

O prefeito caminha atrapalhado, posso ver a mão que carrega o lampião tremer, fazendo as sombras dançarem formando figuras monstruosas no chão e na parede. Nunca soube o nome dele, pois quando há alguém para pronunciá-lo é quando estou dormindo, mas sempre achei esse homem muito engraçado. Parecia um porco: gordo, baixo, de pele rosada e com a covardia estampada na cara, muito semelhante ao que era arrastado por ele até a entrada da vila.

O porco, grande e rosado, foi amarrado numa árvore a alguns passos do arco de entrada. Depois disso, o prefeito se afastou uns vinte metros e esperou. Um ritual que ele fazia toda lua cheia, assim como seus antecessores e também assim como eles, o homem gostaria de correr de volta para a prefeitura nesse momento, como um porco fugindo do abate.

Desço até uma árvore próxima, pois estava chegando a hora. Ao meu redor, a floresta estava viva como sempre. Apesar do que os humanos dizem, a floresta não dorme à noite. Posso ver um rabo de um gato selvagem caçando, posso ver pássaros vigiando seus ninhos, esquilos mantendo suas orelhas bem atentas a cada movimento, e também os ratos (estes são os meus favoritos), procurando por restos de comida ou fugindo de um dos meus irmãos.

Alguns minutos se passam. O prefeito mantém seus olhos bem abertos, focados na floresta, suas mãos roliças e suadas se apertam uma a outra. Algo próximo quebra um galho e o prefeito sufoca um grito, seu rosto fica branco e sua respiração fica ofegante. Adorava quando isso acontecia, ele se assemelhava ainda mais com um porco assustado.

De repente, a floresta fica silenciosa, a ponto de eu me questionar se ainda possuía audição. Mas, mesmo que o vento castigasse as folhas das árvores, mesmo que todos os

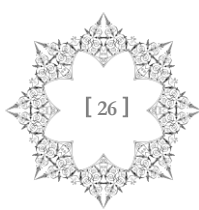
pássaros cantassem ao mesmo tempo, ainda assim, seria possível ouvir o som do coração do pobre homem batendo contra o peito. Mais um galho se parte, dessa vez, mais alto e mais perto.

Primeiro, dois olhos surgem na escuridão, vermelhos como sangue, depois uma sombra cresce num sentido oposto à luz das tochas que ficam na entrada da vila. O animal sai da mata e se expõe à luz. Não importava quantas vezes o prefeito o visse, sempre seria tão assustador quanto da primeira vez.

Com seu pelo negro e lustroso, o lobo se aproxima calmamente do porco, sem tirar os olhos do homem. Seu tamanho era impressionante, quase do tamanho de um cavalo. Só a sua pata poderia cobrir meu corpo inteiro, e a sua boca, cheia de lâminas afiadas, me engoliria facilmente em uma ou duas dentadas. É impossível não sentir dó do porco, que a essa altura se desespera, grita e tenta se soltar da árvore. O lobo rosna, irritado com o som que o porco emitia, fazendo o prefeito se encolher ainda mais do que eu pensei ser possível.

O lobo se agacha e dá um grande salto. Com seus dentes de navalha e uma mira precisa, ele abocanha o pescoço do porco. O lobo para um momento, absorvendo o gosto inebriante do sangue e se deliciando ainda mais ao ouvir os gritos de sua presa. De uma vez só, ele torce o pescoço do animal, que para de lutar, já sem vida. O lobo solta o porco por um momento e lambe seu focinho, não queria desperdiçar nada. Ele olha em direção ao prefeito, mas o humano já estava desmaiado no chão. Ele se aproxima alguns passos do homem, como se estivesse curioso, ou pensando. O animal abocanha o pescoço do porco e dá meia volta. Sumindo no meio da floresta, indo para onde quer que fique a sua casa. A floresta volta a ganhar vida.

Na manhã seguinte, quando tinha acabado de pegar no sono, acordei de sobressalto com os gritos dos humanos da vila. Na entrada havia uma comoção: todos olhavam para o porco morto no chão.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Vampiro

Por Márcio Aragão

Márcio Aragão é sergipano. Nasceu em 08 de maio de 1986, na cidade de Aracaju. Durante toda a sua vida se interessou por seres fantásticos, tendo criado várias personagens e narrativas ambientadas em diversos tipos de mundos, indo do real ao fantasioso. Participou das antologias Anno Domini – Manuscritos Medievais (2008) e Solarium (2009), tendo também publicado os livros O Último Imortal (2005) e Guardiões do Universo (2009).

Um vampiro é, essencialmente, uma criatura que suga a força vital do outro. Esta característica já foi representada exaustivamente como o ato de beber sangue, especialmente o sangue humano, mas esses vampiros são frutos do folclore. Não existem criaturas humanóides com presas e que são sensíveis à luz do sol. Porém, ainda assim, Gorak era um vampiro, mas um vampiro real. E naquele momento, ele alimentava-se de sua próxima vítima. Entenda, um vampiro verdadeiro não bebe sangue, mas absorve a energia de outra pessoa. O vampiro causa qualquer que seja o sentimento desejado para provocar uma emoção (normalmente o medo, vale salientar) e quando a vítima está no ápice da almejada emoção, a criatura absorve-lhe a energia. E ali estava uma jovem de não mais do que 25 anos, amarrada a uma cadeira e Gorak, sorridente, sentado diante dela. Fitava a jovem de cabelos ruivos e pele rosada. E conseguia vê-la muito bem, com seus olhos de vampiro.

– Hum, vejo que está acordada, querida. Sim, sim, isso é muito importante... Mas que falta de educação a minha, sei seu nome, mas não te disse o meu! Chamo-me Gorak – disse uma voz suave e fria, com um sotaque que Amanda imaginou ser britânico.

Amanda demorou alguns segundos para perceber de onde vinha a voz. Ainda estava atordoada e a diminuta luz que pobremente iluminava o ambiente não ajudava. Viu apenas a silhueta sentada à sua frente e naquele momento teve a certeza de estar olhando para os contornos de seu capturador.

– Ah, Amanda, Amanda. Isto vai acabar logo, te prometo, sabia? Você faz parte de um plano muito, *muito* maior, que logo, logo irá concretizar-se. Aliás, poderá acontecer a qualquer momento.

Aqui os olhos da jovem já mostravam puro pavor. Ela abriu a boca para falar algo, mas o nó em sua garganta impediu que proferisse qualquer palavra. E Gorak sorriu, exibindo os dentes perfeitamente iguais aos de um humano. Podia sentir perfeitamente, quase ao ponto de ver, a energia emanada pelo medo de Amanda.

– Você não faz *realmente* ideia do que estou falando, não é? Seu namoradinho é alguém muito, *muito* especial... Faz parte de um povo que julgava extinto há milênios. Uma raça, poderosa, imortal, assim como a minha, mas no outro pólo do espectro. Nascemos apenas para nos confrontarmos. Para os novatos, é um *ritual de iniciação*... Para mim, é um *esporte*. E o mais interessante é que os da raça dele não sabem o que são até completarem 18 anos, que é a época que os genes recessivos são ativados. Além disso, precisam que um ente querido passe por uma situação de perigo mortal

para que a metamorfose se complete, pois só uma situação assim libera a carga de adrenalina necessária para o despertar. Por isso que você está aqui, linda. Além de, claro, me alimentar – e aqui Amanda pôde ver Gorak piscar o olho direito, com ironia, pois àquela altura seus olhos já se acostumavam à escuridão.

– Bem querida – e aqui Gorak aproximou seu rosto perigosamente ao de Amanda e ela sentiu seu hálito gélido – Não adianta chorar. Hora do *show*. Amanda gritou. Logo o vampiro começou a espancá-la de maneira brutal, apesar de seus gritos de protesto. E quando ela já estava quase inconsciente, aconteceu. Um urro aterrador inundou o ambiente e logo uma parede despedaçou-se, de fora para dentro, levantando muita poeira. Gorak parou o que estava fazendo, com um sorriso. Amanda, com a visão turva, percebeu dois olhos amarelos brilhando a mais de dois metros acima do chão e um vulto com formas bestiais, bípede, aproximado-se a velozmente.

– Ah, meu camarada! Não sabe o quanto eu esperei por isso! – urrou Gorak, lançando-se contra a criatura. Movimentavam-se com velocidade descomunal e Amanda, desesperada e confusa, não tinha nem forças para gritar – e Gorak acrescentou: “*Vamos, lobinho, mostre do que é feito! VENHA!*” – enquanto esquivava-se habilidosamente das investidas do lobisomem – “Não se preocupe! Tudo o que acontecerá com sua namorada se você perder será a morte! Apenas isso! Então venha, acabe comigo! VENHA!”. Mas Gorak era muito rápido, mesmo para o lobisomem, que procurava usar todo seu potencial. Não sabia como, porém, ser mais brutal... No entanto sabia que se não o fizesse provavelmente isso custaria a vida sua e de sua amada. Seus urros de fúria e frustração só resultavam em gargalhadas do vampiro.

– Inútil! – Gorak chutou a cabeça do lobisomem, este sendo arremessado contra uma parede, despedaçando-a e atravessando-a. Então Gorak voltou sua atenção para sua vítima – Seu namorado, Amanda, foi o combate mais fraco que eu tive o desprazer de participar. Patético. Agora, conforme eu disse antes, terei de matá-la, coração... – E aproximou-se ameaçadoramente da jovem.

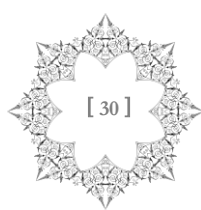
O rosto da jovem contorceu-se em uma expressão de horror, que não foi maior que a de Gorak, quando aconteceu. Uma gigantesca mão peluda, com garras de quase cinco centímetros atravessou-lhe peito, o golpe vindo de suas costas, bem na região do coração. Amanda tentou dizer algo, mas, mais uma vez, faltaram-lhe forças. Foi quando a jovem finalmente viu a face lupina de seu namorado. Ao contrário do que se vê nos filmes, não tinha focinho alongado, mas também não era completamente chata. Lembrava

o rosto do homem primitivo, proeminente; tinha muitos pelos e uma boca repleta de dentes afiados e as orelhas, estas sim, idênticas às de um lobo. Os olhos amarelos, brilhando na escuridão, fitaram Amanda por alguns segundos, enquanto Gorak tentava desvencilhar-se do golpe mortal. E o lobisomem urrou, triunfante, mordendo impiedosamente o pescoço do vampiro, arrancando um generoso pedaço de carne, para depois tirar a mão que atravessava o peito de Gorak, jogando-o no chão com violência. O sangramento seria fatal.

– Muito bem, lobinho. Me surpreen... – Estava tudo escuro, acabado.

Amanda apenas viu aquela figura, uma mistura de primata e lobo, vestindo roupas rasgadas, aproximar-se dela mais uma vez. Não pôde, porém, ver todos os detalhes pois apesar de seus olhos terem se adaptado à escuridão, ainda assim a iluminação era muito fraca e estava sem forças. Desmaiou.

Amanda acordou em um hospital. Seus ferimentos estavam tratados e estava recebendo uma transfusão de sangue. Olhou para o lado. Paulo, seu namorado, estava em uma cama próxima à dela, na forma humana, adormecido. Estava coberto de curativos, mas aparentemente fora de perigo. Amanda sorriu. Tudo estava bem.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Mandíbulas

Por Márcio Aragão

Márcio Aragão é sergipano. Nasceu em 08 de maio de 1986, na cidade de Aracaju. Durante toda a sua vida se interessou por seres fantásticos, tendo criado várias personagens e narrativas ambientadas em diversos tipos de mundos, indo do real ao fantasioso. Participou das antologias Anno Domini – Manuscritos Medievais (2008) e Solarium (2009), tendo também publicado os livros O Último Imortal (2005) e Guardiões do Universo (2009).

Como tudo havia surgido, não se sabia. Em dado momento o primeiro ataque aconteceu: rápido, mortal, feroz e implacável, o imenso predador destroçou aquela família na praia, fato que foi noticiado em todos os jornais do país e em diversos veículos importantes ao redor do mundo. As imagens dos pedaços dos corpos foram mostradas sem maior pudor, apenas com um breve aviso de que seria ideal que não houvessem crianças assistindo e que as imagens eram fortes. “Ok”, pensou Gláucia, “*isso é, sim, impressionante! Mas é longe daqui.*”, complementou, demorando para digerir a informação e, simultaneamente, feliz por não morar próximo àquela área.

Gláucia era uma enfermeira que, após longo e cansativo plantão e meses após ter visto na TV a reportagem a respeito do violento ataque, voltava para casa dirigindo seu Palio branco ano 2019. “*Poxa vida, eu não queria nada demais. Só queria chegar em casa e descansar!*”. Mas ali estava ela, seu Palio consideravelmente destruído, com suas pernas presas nas ferragens abaixo do volante do carro que estava de ponta cabeça e, do lado de fora duas criaturas cercando-a como dois tubarões famintos preparando o ataque. *Aqueles seres não deveriam estar ali!* Era o que Gláucia não conseguia parar de pensar. A dor em suas pernas era mais do que perceptível, beirando o insuportável, mas dada a informação de que *aquelas* criaturas ainda existiam, com sinceridade a jovem de 28 anos mal se importava. Se os filmes estivessem corretos e baseando-se no pouco conhecimento que tinha sobre o assunto por conta de seu filho que era fanático pelo tema, a enfermeira sabia, não tinha mais que poucas horas de vida antes que os dois predadores usassem suas potententes mandíbulas cheias de dentes para rasgar o já destruído Pálio e coletar o tão desejado prêmio. E, Gláucia sabia, para seu horror, que *ela* era o prêmio.

Os dois animais pisavam e ciscavam impacientes no chão de terra, emitindo grunhidos e buscando um local por entre as ferragens do carro por onde pudessem enfiar seus focinhos. Gláucia podia ver os pés das criaturas, bem similares a pés de galinhas, só que muito maiores. *Talvez 40 ou 50 centímetros da ponta do maior dedo à outra extremidade do pé*, pensou ela. E Gláucia era assim: quando em situações de estresse extremo, sua mente apenas voava procurando qualquer tipo de informação que a levasse a um pensamento racional, para distraí-la do incidente que a estava submetendo ao estresse.

O carro foi sacudido violentamente com novo estrondo. Gláucia já não sentia mais suas pernas o que, ela sabia, era preocupante. Ela podia ver pela janela quebrada de seu carro a pele escamosa verde-cinza de seus alcos, com penas estilo as de um avestruz cobrindo toda a região atrás de sua cabeça até o meio das costas. O teto do carro havia afundado de tal forma que, para felicidade de Gláucia, as janelas e para-brisa do veículo haviam sido destruídas e quase fechadas, de modo que as criaturas não conseguiriam enfiar suas bocarras repletas de dentes por ali. Em contrapartida, Gláucia, que era uma mulher robusta de um metro e setenta de altura estava ali, ferida. Espremida.

Os predadores urravam frustrados. *Não são adultos*, pensou Gláucia, parecendo reconhecer, finalmente, aquela espécie de criatura, pois havia visto algo muito parecido nos livros de seu filho que detalhavam com precisão científica as espécies de dinossauros encontradas no Brasil. *Carcharodontosaurus*, ou Carcarodontossauro, em português. E lá estava a mente de Gláucia prendendo-se à lógica novamente, como se aquilo fosse o oxigênio que a impedisse de afogar-se em um oceano de desespero. *Não devem ter mais do que oito metros de comprimento. Podem chegar à 14. São sub-adultos!* E essa informação era relevante, Gláucia sabia, pois predadores jovens tendiam a ter comportamento mais agressivo devido à sua inexperiência como caçadores, principalmente os machos, por causa dos altos níveis de testosterona presentes em seu organismo. Claro que Gláucia não poderia afirmar com certeza se eram, de fato, do gênero masculino, mas a jovem enfermeira suspeitava fortemente que um deles pelo menos deveria ser macho. O dinossauro em questão tinha cicatrizes na cabeça, uma delas passando perigosamente próximo ao seu olho esquerdo. Mais alguns centímetros e provavelmente o animal teria perdido a visão do olho em questão, *“o que provavelmente faria com que ele não sobrevivesse e talvez eu não estivesse aqui nesta situação”*, lamentou Gláucia. Scar, como Gláucia batizou o dinossauro com cicatriz, em homenagem ao icônico vilão do filme da Disney, tinha também mais massa muscular e era ligeiramente maior. Misturadas com as penas brancas, haviam penas verdes e azuis, reluzentes e muito bonitas, semelhantes às do pescoço de um pavão macho. Luna foi o nome que batizou o outro predador, o qual a jovem não tinha opinião a respeito de seu gênero, mas decidiu que iria considerá-lo como fêmea. *“Porque classificar os dinos? Ora, aparentemente não tenho nada melhor à fazer mesmo!”*, ironizou Gláucia em pensamento.

Mas Gláucia tinha coisa melhor à fazer e ela sabia muito bem disso. Precisava escapar. E como se não bastasse ter que soltar suas pernas de toda a ferragem retorcida

que teimava em prendê-la o fato é que, mesmo sendo enfermeira, não tinha real noção de como estavam de fato suas pernas. Não sem examiná-las adequadamente. Não sem vê-las, pelo menos. Mas de uma coisa sabia: há vários minutos elas estavam dormentes e isso não era um bom sinal. Supondo, porém que tudo desse certo, que ela conseguisse se soltar, caminhar e sair de dentro do carro, ela ainda teria que correr dos predadores. Criaturas grandes, famintas e velozes. *Estou ferrada*. Olhou rapidamente em todas as direções. A vantagem de o carro estar com a maior parte de sua estrutura retorcida é que os Carcarodontossauros teriam dificuldade em entrar com suas bocarras. A desvantagem é que ela também não conseguia ver uma abertura grande o suficiente para que saísse. Era seu fim, ela sabia. Já podia ouvir o som das ferragens sendo arrancadas do veículo. Logo existiria uma abertura grande o suficiente para que saísse, porém os imensos predadores estariam esperando por ela do lado de fora. Ela era o prêmio, a refeição tão esperada que finalmente estaria ao alcance dos dois dinossauros. Lembrou de seu filho. Seria difícil para ele aceitar que ela não voltaria para casa, nunca mais.

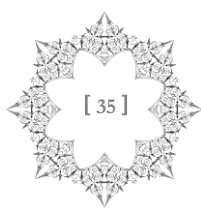
E então aconteceu: Um estrondo como um trovão. Um grunhido abafado. Algo pesado caindo no chão. Gláucia, que já aceitava a sua morte iminente, piscou. Olhou pela brecha de uma das janelas do veículo e lá estava *Scar* caído no chão, sem vida, com um buraco em seu crânio e a língua estendida para fora de sua boca. Sangue ainda jorrava pelo ferimento letal. *Luna* ergueu a cabeça, alerta, mostrando os dentes de tubarão, ameaçadora. Sacudia os pequenos braços com mãos de três dedos e pisava forte no chão, impaciente. Novo estrondo e dessa vez *Luna* caiu, com ferimento similar ao de *Scar*, também sem vida. Gláucia olhava ao redor, nervosa, tentando entender o que de fato estava acontecendo. Quem teria salvo sua vida? Minutos que pareceram horas se estenderam e o final de tarde havia dado lugar à noite. Gláucia viu duas botas finalmente aparecendo pela brecha de uma das janelas. O homem agachou, olhando para dentro do veículo destruído, por trás de seus óculos de grau.

– Tudo bem por aqui, minha jovem? – perguntou, sorrindo, coçando a barba grisalha
 – Não se preocupe pois esses dois aqui não vão te incomodar mais. Ah! E a minha equipe já está vindo pela estrada para te arrancar desse pobre coitado aqui, ok? – disse sorrindo e referindo-se ao estado crítico do Palio.

Gláucia suspirou aliviada. Voltaria para casa. Iria rever seu filho, sua família. Logo ouviu o som das máquinas cortando o metal retorcido. Sorriu. Minutos depois estava em uma maca, dentro de uma ambulância, que corria com a característica sirene ligada,

recebendo os cuidados necessários até sua chegada a um hospital, onde seria, de fato, tratada e provavelmente passaria por cirurgia em suas pernas. O mais importante, porém, ela sabia era que estava viva. Tudo ficaria bem.

FIM?





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Vila e a Loba

Por Mauro M. Massuda

Mauro M. Massuda é paulistano nato, formado em Administração de Empresas, leitor desde a mais tenra idade, e escritor nas horas vagas. Pai de uma filha adorável, que é a sua principal plateia para as histórias que cria, mas também interessado em temas como política, ficção-científica, mundos de fantasia, sempre atrás de sua própria jornada de herói.

A neve, à altura de seus joelhos, atrapalhava seus movimentos, e ele caminhava com sufoco pela floresta, tentando desviar dos galhos mais baixos das árvores. Suas roupas o faziam um equívoco ambulante para aquele lugar e clima, um terno azul, a gravata preta, e sapatos sociais, nada que pudesse protegê-lo do frio ou impedir seus pés de afundar a cada passo. Recordava que estivera em uma reunião de amigos, talvez algumas horas atrás, uma festa com pessoas desconhecidas, e não sabia como viera terminar ali, naquele lugar. Quando deu por si, já estava lá, correndo como um coelho assustado.

Não havia nada além da brancura sem fim, do chão ao céu, nenhum ser humano para responder aos seus chamados. Seria impossível ter caminhado até aquela floresta, mas não havia sinal de seu carro em lugar algum. Lembrava do salão, dos convidados e garçons, e do ar condicionado que tentava refrescar aquela noite de verão, e então havia flocos de neve pairando no ar, e cobrindo tudo com sua leveza gélida. O som da banda, do DJ e das conversas havia dado lugar ao silêncio. Começou então a andar, e alguns minutos – ou horas – depois, viu um lampejo amarelado ao longe, enquanto a noite caía. Decidiu seguir naquela direção, apostando que fosse alguma outra pessoa, talvez um caçador ou lenhador acendendo uma providencial fogueira em seu acampamento.

Mais alguns passos, e se viu em uma clareira. Respirava acelerado, tentando se recompor. Era uma vila, com várias casas rústicas, afastadas uma das outras, quase idênticas entre si, seus telhados pareciam feitos de palha e gravetos, e as paredes de pedra. Pelas janelas envidraçadas escapava uma luz amarela e intensa, e as chaminés soltavam fumaça, com a promessa de uma lareira para se aquecer, e talvez alguma comida quente.

Ele correu até a casa mais próxima, e bateu à porta. “Boa noite!” falou alto, um pouco receoso. Deu alguns passos para trás, para que pudesse ser visto pela janela, e seus moradores não se assustassem com aquela interrupção noturna. Esperou um, dois, três minutos. Retornou à porta e deu mais algumas batidas. A fumaça que saía da chaminé exalava um cheiro de carne assada, que lhe encheu a boca de água.

“Por favor, estou perdido, e preciso de ajuda!” gritou. A promessa de uma refeição quente lhe tirara os receios. Aguardou mais um pouco, e reparou que o cheiro do assado se dissipara no ar, e que não havia mais luz na janela. Aproximou-se, e tentou enxergar através do vidro, porém lá dentro havia apenas escuridão.

Sentiu-se desapontado, talvez as pessoas lá dentro estivessem com medo de abrir a porta para um estranho no meio da noite. Afastou-se devagar, ainda com um fiapo de esperança por alguma hospitalidade, e seguiu para a próxima casa, distante talvez uns dez metros.

A segunda casa parecia um pouco menor, com o pé-direito um pouco mais baixo. Ouviu vozes, risos, parecia haver uma conversa animada em andamento. Bateu à porta, e repetiu algumas vezes sua dança de retroceder alguns passos, para ser visível pela janela, e retornar para bater novamente. Ficou na expectativa de ouvir ao menos um “vá embora”, como se mesmo a recusa fosse um alívio, um começo de diálogo. Em vez disso, as vozes se calaram, a luz apagou-se e a fumaça da chaminé sumiu. Uma lufada de vento frio o atingiu, como se o expulsasse dali. Olhou por cima dos ombros, e restavam três casas para tentar.

Seus passos já eram mais arrastados, enquanto adentrava um pouco mais naquela misteriosa vila. Talvez fosse uma perda de tempo, e o melhor seria sair dali e buscar ajuda em outro lugar. Ponderou que a noite caía rápido, e ruim por ruim, ao menos poderia se abrigar em algum canto daquela vila, e torcer para sobreviver sem congelar até o amanhecer.

Também haviam risos e conversas na próxima casa, haviam mais vozes, de pessoas diferentes, mas ele não conseguia discernir as palavras. Talvez fosse algum idioma estrangeiro? Ocorreu-lhe que talvez fosse alguma colônia de imigrantes e seus descendentes, que ainda não falavam o idioma local, e talvez por isso fossem desconfiadas com visitas em tão tarde da hora. Alguém parecia falar com a boca cheia de comida, uma outra voz, jovem e feminina, dava risadas. Bateu à porta, primeiro de leve, depois com mais insistência. Antes mesmo de terminar, a luz na janela se apagou e as vozes sumiram. “Qual o problema com vocês? Preciso de ajuda aqui!”, gritou, irritado. Nem mesmo um murmúrio veio em resposta.

Caminhou até a próxima casa. Desta vez deu uma volta ao seu redor, em silêncio. Mas só havia mesmo a porta na entrada, com uma única janela na fachada. E enquanto caminhava, ouvia conversas em uma voz rouca, acompanhada de vozes e risadas mais agudas. Como se um casal de idosos conversasse com crianças, talvez. De volta à porta, esticou a mão com os nós dos dedos prontos para bater, mas segurou-se a um fio de cabelo. Espalmou a mão, e encostou na madeira. Sentiu um leve calor, deveria estar bem aconchegante lá dentro. Um aroma de sopa de cebola pairava no ar. E algo a mais, canela

e baunilha, talvez algum tipo de guloseima doce, a ser servida para netinhos alegres por um casal de avós. Uma lágrima lhe brotou no canto do olho, e ele a enxugou, nervoso. Não chegou a bater a porta. A luz na janela se apagou, num instante, e mesmo o calor e os aromas que sentira haviam desaparecido.

Só faltava uma casa. Estava mais afastada que as outras, além dela viam-se apenas os pinheiros e a escuridão da floresta. Pôs-se a andar, resignado. Tudo indicava que o mesmo se repetiria, mas não tinha nada a perder, uma porta na cara a mais não faria diferença. Esse povoado tão pouco hospitaleiro nada havia lhe oferecido, e lhe restaria apenas se aninhar em algum canto para passar a noite.

A luz amarela na janela era um pouco diferente. Parecia piscar, ir e voltar, e então percebeu uma silhueta que ia e vinha, em movimentos graciosos e ritmados, uma sombra cheia de vida. Ao chegar mais perto, ouviu um violino tocando, animado. Não conhecia a música, mas soava como um convite para uma valsa. Acompanhou em silêncio os movimentos daquela dançarina desconhecida - sim, era uma mulher, isso conseguir discernir pela janela. Em sua mente vislumbrou uma figura de complexão frágil, magra, uma beldade exótica, com cabelos ruivos a altura dos ombros, lisos e esvoaçantes. Nada disso lhe vinha pela janela, apenas pelo coração.

Deu mais um passo, e afundou o pé na neve. Sentiu seus braços perderem as forças, e ele fitou o tapete branco e gelado à sua frente. Talvez mais três ou quatro passos até a porta. “Para quê?” perguntou a si mesmo. Ergueu o rosto, e a janela continuava a irradiar luz, e a sombra dançante executava sua pantomina. Girou os calcanhares e se afastou. Um, dois, três passos. Olhou por cima do ombro, e agora a janela era apenas escuridão.

Perdeu-se em pensamentos. A vila toda agora era apenas trevas e silêncio. Talvez fosse uma má ideia tentar se esconder em algum canto para passar a noite. Afinal de contas, quem lhe garantiria que, ao amanhecer, os habitantes medrosos não se mostrariam violentos contra estranhos?

Antes que pudesse decidir qualquer coisa, ouviu o uivo. Longo, triste, um lamento de uma nota só.

Olhou ao redor, e estava lá, perto da última casa. Era uma loba de pelos cinza-claros e olhos azuis, alta e imponente. Ela o encarou por alguns segundos, e então ergueu o focinho em direção ao céu, fechou os olhos, e uivou mais uma vez. Deu alguns passos

para um lado, e depois ao outro, serpenteando em sua direção. Havia graça em seus movimentos, e suas patas se recusavam a afundar na neve.

“Saia daqui!” uma voz humana ordenou, vinda de lugar nenhum. Ele não soube o que fazer. Sentiu o frio, desta vez dentro de seu estômago, e engoliu em seco. “Corra! Você não pode com ela”, soou uma outra voz, desta vez dentro de sua cabeça. Seus pés se jogaram para frente, tentando vencer a neve, agora à altura de seus joelhos. Tropeçou, seus braços o impulsionaram de volta para a frente. Tentou olhar por cima do ombro.

Ela ainda estava lá, avançando devagar. Ela era a rainha daquele vale, a senhora daquela vila. Com a cauda erguida, seus olhos o acompanhavam, esperando o momento certo. Ele parou, respirando acelerado, seu nariz escorrendo, e depois se encolheu, os braços cruzados em seu peito, suas costas arqueadas, um corcunda sem qualquer santuário.

Suas patas se moveram com graça, longas e firmes, afundando pouco mais de uma polegada na neve solta, jogando seu corpo cinzento para frente, a cabeça baixa e os olhos fixos nele. Sua boca estava aberta em um sorriso tenebroso, mostrando caninos pontiagudos, sua respiração deixando um rastro de vapor no ar, como se uma caldeira demoníaca queimasse dentro de seu peito, dando-lhe força e vigor.

O homem fez um último esforço para correr, levantando os joelhos e pés como um pato desengonçado, perdido em meio a um inverno do qual deveria ter fugido, migrado com seus pares para longe. Mas era apenas um solitário, sem um bando para acompanhar. Seus pés afundavam na brancura gelada, inúteis com seus sapatos finos e lustrosos. Encarou as janelas escurecidas das casas da vila, não haveria socorro nem hospitalidade.

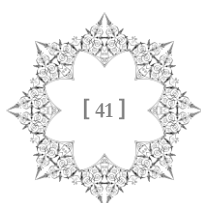
A loba cinzenta estava a poucos metros quando deu um último salto, e o homem sentiu garras e dentes em suas costas, e o abraço indiferente da neve espalhada pelo chão. Fechou os olhos, sentindo algo quente e molhado em seu rosto. Mil facas atravessavam sua carne, e seu sangue tingia a neve em tons de negro e rubro. Ouviu novamente um uivo, seguido de outros, um coral harmonioso e insuportável que empurrava sua alma para dentro de um buraco escuro.

O amanhecer o encontrou em seu apartamento vazio. Sentou-se a beira da cama.

Os pés doíam, dormira com os pés calçados, em seus sapatos de bico fino. Encarou o relógio de cabeceira, e as mensagens em seu celular, deixadas por um amigo. A voz misturava repreensão e zombaria, e lhe cobrava pelas suas atitudes em uma festa na

véspera. Seja lá o que tivesse acontecido, entendeu que ficara escondido num canto boa parte do tempo, até ter exagerado na bebida e se tornado inconveniente para os outros convidados. Não era de se admirar que a filha da dona da casa, uma jovem bela e cobiçada pelos solteiros ali presentes, tivesse decidido ela mesma dar-lhe um jeito e o expulsara da festa.

Sentou-se a beira da cama, tirou os sapatos, e lamentou ter passado por mais um evento social sem conseguir se relacionar com alguém. Observou a paisagem cinzenta pela janela. Os prédios envoltos pela neblina lhe evocavam outro lugar, uma imagem que lhe parecia bucólica e distante demais: uma vila de casas de madeira encravada em meio a um bosque no inverno, onde se via caminhando. Sozinho, novamente.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Áuuuuu

Por Meire Marion

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie(2018), O menino que não sabia de onde veio (2021)Dois Gatinhos(2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

Áuuuuu

Na lua cheia partiste,

Uivando igual um louco.

Nem a luz estonteante da lua te fez cessar,

Lamentar-se tampouco.

Áuuuuu

Seus ruídos desagradável aos meus ouvidos.

A caça de outra presa você carecia.

Seu impulso animalesco falou mais alto.

Ser fiel e protetor a mim esmorecia.

Áuuuuu

Cadê a fera que me desejava?

Uivava juras de amor eterno.

Agora necessita de carne fresca?

À sua alcateia correndo liberto.

Buááá

Solitária e perdida permaneci,

Na tentativa de entender

O que te fez correr na lua cheia.

Mas como as fases da lua, essa situação irei transcender.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Kei Kei Sabe Avisar

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de dezenove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Kei Kei e Leng Leng eram duas cadelas irmãs da mesma ninhada que levamos para casa quando tinham três meses de vida. A finalidade maior era para serem guardas, mas nunca as treinamos devidamente, confiando (tolamente?) no instinto natural dos cães para esta função.

Kei Kei revelou-se uma guarda natural muito protetora e inteligente. Leng Leng era como um apoio "silencioso" na retaguarda da Kei Kei. Mas, passamos a confiar nas aptidões desta bela dupla.

A Kei Kei avisava se havia qualquer ameaça mesmo distante: ninguém podia passar perto dos nossos muros, nenhum carro podia passar devagar pelas ruas que rodeavam o quarteirão da nossa casa e, muito menos, parar defronte a ela.

Kei Kei então não parava de latir até checarmos a situação e demonstrarmos tranquilidade.

Nesta época, por causa dos perigos reinantes na cidade, só saíamos à noite se fosse extremamente necessário e inadiável. Além da casa situar-se numa área isolada, era única naquele quarteirão.

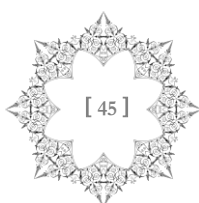
E quando saíamos, Kei Kei e Leng Leng ficavam na varanda do fundo com acesso a um dos corredores laterais da casa. Nunca com acesso ao jardim da frente, pois a garagem ficava também nesta área e tínhamos que acionar o controle remoto do portão eletrônico para sair e entrar com o carro. E elas não podiam sair para a rua sem trelas e sem nós.

Para sairmos de casa era tranquilo. Olhávamos num monitor especial que tínhamos, as imagens da rua e da parte de trás da casa, por câmeras que faziam parte do nosso sistema de segurança.

E além de tudo, se a Kei Kei estivesse calma, sem latir, é porque estava tudo bem.

Mas, ao voltar para casa, nunca tínhamos certeza do que íamos encontrar. Aproximávamos da casa devagar, com a "luz alta" do carro ativada, fazendo zigue-zague para ver se haveria alguém escondido atrás de algum arbusto, árvore ou poste perto da casa e, antes de acionar o controle do portão, abríamos levemente o vidro da porta do carro. Ao ouvir a Kei Kei fazer um simples "U" baixo e carinhoso de boas-vindas, tranquilamente abríamos o portão.

Estava tudo em paz!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Animal Social

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de dezenove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Imaginem os prisioneiros...
se isolados ou em grupos hostis...
sem interagirem em paz e sossego...
Como irão progredir?

Somos todos animais sociais!

Sufrimento em contenções
nestes tempos de aflitivo isolamento...
Sem essenciais interações.

Somos animais sociais!

Crianças, adultos e idosos
em nulas convivências.
Solidão e angústia... sem horizonte.

Somos animais sociais!

Não seria preciso multidões.
Só não se ter o medo, cultivado...
E por estranhos poder passar...
E uma vida normal levar.

Somos animais sociais!

Para não sucumbir...
o necessário e usual – liberdade!
Sem ansiedades e fragilidades
nunca antevistas e sentidas.

Somos animais sociais!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ana é Assim

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de dezenove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Pele sedosa
olhar sedutor
forma graciosa...
Elas são de seda.

Textura da idade
jeito espontâneo
talhe rústico...
Ana é só fibra.

Melodiosas
envolventes...
entorpecentes...
Elas são sereias.

Voz dissonante
sem rodeios
fala transparente...
Ana é comum.

Pura mimosura
na sombra
se desvanecem...
São atraentes.

Ana é tudo
menos aquilo
é sólida e nítida
e preza a luz.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Poesia para a Lua

Por Vicky F. Moravia

Vicky F. Moravia, escreve contos e poesias dos mais diversos gêneros literários como o terror e o romântico, para saber mais sobre suas publicações no perfil de Instagram: [@vickyf.moravia](https://www.instagram.com/vickyf.moravia).

Lua cheia no céu
um ano de silêncio
que cruel!

Uma vez você me disse:
“Quero estar ao luar com você,
mesmo isso sendo clichê.”

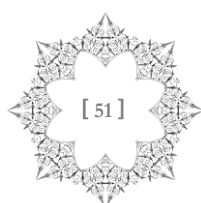
Sabe...

Se eu pudesse, seria
uma criatura mitológica,
um lobisomem.

Na lua cheia, me transformaria
ao teu encontro, eu iria,
consensualmente, eu te amaria.

Seu corpo beijado, chupado e lambido,
dizer coisas ao pé do ouvido,
loucas, impronunciáveis, sem sentido.

De prazer, uivaríamos,
a lua seria nossa testemunha
e em um só nos tornaríamos.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI